



Gramsci em metodologia e ideologia do Trabalho Social, de Vicente Faleiros

Gramsci in the methodology and ideology of Social Work, by Vicente Faleiros

Adilson Aquino SILVEIRA JÚNIOR*

<https://orcid.org/0000-0001-6300-5042>

Larissa Ranielly Lima DIAS**

<https://orcid.org/0000-0001-8715-7761>

Resumo: O artigo aborda as tendências da circulação e tradução/uso criativo do pensamento de Antônio Gramsci no quadro teórico do Serviço Social brasileiro. Através de uma pesquisa bibliográfica, analisa tais processos no conhecido livro de Vicente de Paula Faleiros (2011), *Metodologia e ideologia do trabalho social: crítica ao funcionalismo*, observando as implicações político-ideológicas dos usos de Gramsci para a compreensão do significado do Serviço Social nas relações sociais e suas alternativas de atuação. A hipótese é de que Gramsci não adquire sistematicidade na contribuição de Faleiros ao referido debate; porém, a via interpretativa conduzida por Faleiros ao problema da hegemonia em Gramsci respondeu por uma análise tendente a abstrair o Serviço Social de condicionantes da estrutura econômica e política da dominação de classe.

Palavras-chaves: Antônio Gramsci. Serviço Social. Teoria Social.

Abstract: The article addresses trends in the circulation and translation/creative use of Antonio Gramsci's thinking in the theoretical framework of Brazilian Social Work. Through bibliographical research, it analyses such processes in Vicente de Paula Faleiros' well-known book, *Metodologia e ideologia do trabalho social: crítica ao funcionalismo*, observing the political-ideological implications of this use of Gramsci for the understanding of the meaning of Social Work in social relations and their alternative interventions. The hypothesis is that Gramsci does not acquire systematicity in Faleiros' contribution to that debate; however, Faleiros' interpretative approach to the problem of hegemony in Gramsci responded to an analysis that tended to remove Social Work from the constraints of the economic and political structure of class domination.

Keywords: Antonio Gramsci. Social Work. Social Theory.

Submetido em: 7/8/2019. Revisto em: 11/11/2019. Aceito em: 23/11/2019.

* Doutor em Serviço Social. Professor do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco. (UFPE, Recife, Brasil). Av. Prof. Moraes Rego, 1235, Cidade Universitária, Recife (PE), CEP: 50670-901. E-mail: <j_r1987@hotmail.com>.

** Estudante do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco. (UFPE, Recife, Brasil). Av. Prof. Moraes Rego, 1235, Cidade Universitária, Recife (PE), CEP: 50670-901. Com apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic/UFPE/CNPq). E-mail: <larissa.limadias18@gmail.com>.



© A(s) Autora(s)/O(s) Autor(es). 2019 **Acesso Aberto** Esta obra está licenciada sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR), que permite copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato, bem como adaptar, transformar e criar a partir deste material para qualquer fim, mesmo que comercial. O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

1 Introdução

Esse texto aborda as tendências da circulação e tradução/uso criativo do pensamento de Antônio Gramsci no quadro teórico do Serviço Social brasileiro. Em especial, objetiva analisar tais processos na produção de Vicente de Paula Faleiros (2011), assistente social com grande influência teórica e profissional nos quadros acadêmicos e corporativos do Serviço Social que se engajaram, após meados de 1970, na afirmação de um projeto crítico de ruptura com o tradicionalismo. O estudo pretende contribuir com as pesquisas sobre a influência de Gramsci na construção teórica sobre o significado social do exercício profissional em suas conexões com a produção-reprodução capitalista. Através disso, almeja também apreender o modo pelo qual as formulações gramscianas foram traduzidas nesse aparato teórico-crítico e as implicações político-ideológicas daí decorrentes. Nossa problemática envolve as determinações e tendências da divulgação e circulação das ideias de Gramsci no Brasil. Nesse quadro, se desenvolvem e se expressam a tradução (ou uso criativo) das mesmas em elaborações teóricas e políticas diversas, com pretensões analíticas variadas. Tais elaborações são constitutivas de um amplo leque de interpretações de Gramsci – frequentemente alimentadas também por outras fontes e/ou tradições teóricas –, as quais, embora sustentando vínculos com seu universo teórico-metodológico, resultam em construções ideais particulares e originais. Por isso, nossa problemática concreta está posta nos termos da *tradução* ou uso criativo de Gramsci.

Com caráter bibliográfico, o estudo possuiu como fonte principal a produção teórica do Faleiros, da qual foram cotejados os livros das décadas de 1980 e 1990 que possuíam como problemática central o Serviço Social, seus fundamentos históricos e bases ocupacionais, em especial: *Trabajo social - ideología e método*, de 1972 (FALEIROS, 1976); *A política social do Estado capitalista*, de 1980 (FALEIROS, 1980a); *Metodologia e Ideologia do Trabalho Social: crítica ao funcionalismo*, de 1981 (FALEIROS, 2011); *Saber Profissional e Poder Institucional*, de 1985 (FALEIROS, 1997); *O Que é Política Social?*, de 1985 (FALEIROS, 2004); *Estratégias em Serviço Social*, de 1997 (FALEIROS, 1999). De tal universo, nosso estudo se deteve nas obras em que a reflexão de Gramsci se expressa de modo pioneiro, com desenvolvimentos mais substanciais e balizadores, para reflexão sobre o significado social do Serviço Social: o já citado *Metodologia e Ideologia...* (FALEIROS, 2011) e sua primeira edição em espanhol.¹

Para conhecer a trajetória pessoal, profissional e acadêmica de Faleiros, tomamos com subsídio os depoimentos e entrevistas, fornecidos diretamente pelo autor, em Faleiros (1980b, 2007), Silva (1991) e Simionatto (1999). Ademais, as análises se fundamentam na leitura da história da profissão, já consolidada por importantes pesquisadores(as) (IAMAMOTO; CARVALHO, 2005; IAMAMOTO, 2010; CARVALHO, 1986; NETTO, 2004; SIMIONATO, 1999). Inicialmente, o texto busca fixar o lugar e a contribuição de Faleiros para a circulação e uso do pensamento de Gramsci no Serviço Social brasileiro, quando das primeiras aproximações ao autor dos *Cadernos do Cárcere* na área. Em seguida, é analisado o livro *Metodologia e Ideologia do Trabalho Social: crítica ao*

¹ As demais obras e artigos cotejados expressaram, no geral, sínteses parciais e passageiras das questões levantadas em *Metodologia e Ideologia...* Além disso, em tal literatura, as referências a Gramsci, quando não desvanecem completamente, são bastante episódicas.

funcionalismo (FALEIROS, 2011), considerando a apropriação que opera de Gramsci para pensar o Serviço Social nas relações sociais e as perspectivas profissionais decorrentes. Em nosso estudo, a seguinte hipótese-diretriz foi construída: embora a presença de Gramsci não adquira sistematicidade na contribuição de Faleiros para o debate do significado social do Serviço Social na reprodução das relações sociais, a introdução e tradução de elementos categoriais da questão da hegemonia, forjados nos *Cadernos do Cárcere*, possuíram, nesse âmbito, um papel determinado e importante. A via interpretativa conduzida por Faleiros à questão da hegemonia – em contraste com os fundamentos teórico-metodológicos originais da obra carcerária – respondeu por uma análise tendente a abstrair o Serviço Social de condicionantes da estrutura econômica e política da dominação de classe.

2 O lugar de faleiros na recepção do pensamento de Gramsci no Serviço Social brasileiro

No precursor estudo sobre a influência de Gramsci no Serviço Social brasileiro, Simionatto (1999) apresenta o seguinte apontamento histórico: “Vicente de Paula Faleiros é o primeiro profissional, no Brasil e provavelmente na América Latina, a utilizar o pensamento gramsciano nas reflexões sobre o Serviço Social” (SIMIONATTO, 1999, p. 188, nota). Tal argumento apenas teria validade considerando-se a referência a Gramsci no livro *Trabajo social - ideología e método*, publicado por Faleiros em 1972, através da *Libreria ECRO*, de Buenos Aires. Após esses anos, já não se conseguiria apontar um sujeito isolado; Gramsci passava a penetrar o Serviço Social brasileiro por diversos poros. Em todo caso, com efeito, parece justo reconhecer tal pioneirismo. Contudo, ele se reduz, basicamente, a uma remissão solitária, alusiva e imprecisa que o autor do livro de 1972 faz a Gramsci.² Remissão cujo significado é muito menos teórico-analítico do que simbólico. Isso posto, nosso estudo sinaliza para outras duas reservas que podem ser dirigidas àquela formulação de Simionatto (1999), visando a precisá-la.

Primeiro, inobstante Faleiros seja originário do país e tenha constituído, no Brasil, sua formação em Serviço Social, além de parte inaugural significativa da vida militante e profissional, as elaborações reunidas no livro *Trabajo Social: ideología e método* (assim como sua publicação) se desdobram das experiências e articulações político-profissionais durante seu exílio. Embora fosse um profissional *do* Brasil (e capitalizasse a experiência ali acumulada para suas subseqüentes elaborações), são circunstâncias, dinâmicas e alheias a sua realidade nacional que precipitam os textos daquele livro. Trata-se de uma produção organicamente vinculada à luta política e profissional *no* Chile, cujo significado teórico ultrapassava, obviamente, essas fronteiras. Mesmo durante seu posterior exílio no Canadá, os intercâmbios travados por Faleiros passavam ao largo do debate brasileiro – independentemente se sua produção influenciasse efetivamente *no* debate do Serviço Social brasileiro. Grosso modo: embora fosse um *profissional brasileiro*, não é *no* Brasil – nem direta e precisamente *a partir de e para o*

² Em todo o livro, Gramsci aparece apenas nesse isolado extrato, no debate sobre o conceito de ideologia, sem qualquer indicação de fonte bibliográfica: “La ideología asegura la cohesión social, una hegemonización de la sociedad. Según Gramsci es el cemento de la estructura social y está presente en toda vivencia humana” (FALEIROS, 1976, p. 33).

que ocorria aí em termos de Serviço Social – que Faleiros escreve aquele texto de 1972, em que Gramsci aparece pioneira, mas simbolicamente.

Segundo, pode-se dizer que, apenas no início dos anos 1980, ganham um estatuto qualitativamente novo essas características da contribuição de Faleiros para o Serviço Social brasileiro. A partir desse marco, o centro de gravidade de suas problematizações e elaborações (ou reelaborações) é deslocado para o processo renovador da profissão no país. Nesse curso, a divulgação e tradução de Gramsci em suas publicações perdem aquele caráter meramente simbólico para adquirir alguma importância efetivamente teórico-analítica. Em primeiro lugar, tal marco é definido pelo seu retorno ao país em junho de 1979, no contexto da luta pela anistia. É sintomático que o regresso seja marcado pela sua participação no *III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais* (o chamado *Congresso da Virada*), ocorrido em setembro do mesmo ano na cidade de São Paulo. Ademais, em 1981, o livro *Trabajo Social: ideología e método*³ ganhou uma edição brasileira em português, revisada e ampliada pelo autor, com o título *Metodologia e Ideologia do Trabalho Social: crítica ao funcionalismo* (FALEIROS, 2011). O detalhado estudo de Carvalho (1986) sinaliza para a relevância das alterações feitas: “[...] apesar de ser definida como uma edição revisada e ampliada do original em espanhol, apresenta efetivamente uma mudança qualitativa em termos de proposta de Trabalho Social” (CARVALHO, 1986, p. 165). Dentre as notáveis alterações – elucidadas por Carvalho (1986) –, figura uma incorporação mais consistente de Gramsci no texto; o que não significa uma apropriação que passa sem problemas. Todavia, nessa altura, a recorrência aos *Cadernos do Cárcere* na literatura especializada que começava a germinar na área do Serviço Social já não consistia propriamente num ineditismo.

A partir disso, desdobram-se algumas implicações para avançarmos na questão da *tradução/uso criativo de Gramsci no Serviço Social*; implicações cujo significado histórico não foi suficientemente enfatizado e explorado. Do ponto de vista dos empreendimentos iniciais, essa divulgação deslança com *caráter policêntrico (ou multicêntrico)* – parece forçado sugerir a existência de um personagem pioneiro que haveria encarnado isoladamente esse feito. Ademais, não necessariamente os diversos condutos nos quais ela passou a existir influenciavam-se reciprocamente. Tudo sugere que algumas iniciativas ocorriam sem contato mútuo, marcando-se por um certo paralelismo – algo, em alguma medida, explicado pela pulverização que a ditadura promoveu nas forças teórico-políticas tendentes àquela divulgação. O *caráter policêntrico* não se reduz à multiplicidade objetiva de sujeitos que protagonizaram a circulação e tradução/uso criativo. Ele também assinala a *diversidade teórico-política* dos polos pelos quais desaguou inicialmente a elaboração gramsciana.⁴

Esse quadro *policêntrico* da circulação e tradução/uso criativo de Gramsci no Serviço Social brasileiro possui, por sua vez, uma implicação direta para a análise da edição revisada e ampliada do livro de Faleiros *Metodologia e Ideologia ...*, que vem a público em 1981. Dada essa diversidade de polos pelos quais, então, se irradiava – com maior ou

³ Nesse momento, o livro em espanhol já estava na sua terceira edição; depois da primeira, lançada em maio de 1972, uma segunda saiu em abril de 1974, e uma terceira, em outubro de 1976.

⁴ Não é nossa pretensão esquadriñar o arco de protagonistas dessas de circulação e tradução, trabalho já fornecido por Simionatto (1999, p. 177-212) de modo bastante aproximativo.

menor impacto e sistematicidade – o pensamento de Gramsci na profissão, a revisão operada pelo autor – já instalado no Brasil, sintonizado com o movimento profissional do país e em contato com parte daqueles protagonistas – possui uma inescapável *dimensão de diálogo*, pela qual opera uma *influência recíproca nos processos de circulação e tradução/uso criativo em tela*.⁵

Em suma, todos esses aspectos são tomados aqui como supostos para a análise do livro *Metodologia e Ideologia...* Concomitantemente, ajudam a explicar os motivos pelos quais é essa edição revisada e ampliada que possui relevo para fortalecer a circulação e tradução/uso criativo de Gramsci no Serviço Social brasileiro.

3 Gramsci em metodologia e ideologia do trabalho social

Faleiros entra em contato com as ideias de Gramsci durante os anos em que esteve exilado. A década que marcou essa experiência – com um estágio no Chile (1970-1973) e um subsequente período no Canadá (1974-1980) – foi saturada por uma ativa intervenção político-profissional: seja quando da sua participação na reformulação do projeto da Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Valparaíso, nos marcos das lutas e contradições da *Unidade Popular*; seja na atuação docente em processos de intervenção comunitária, com inspiração freiriana, entre movimentos urbanos, quando da sua passagem pela Universidade de Laval em Quebec (SILVA, 1991; FALEIROS, 2011; 2007; 1980b). As determinações históricas, as tendências políticas e as especificidades culturais – em cada caso e em alguma medida – não apenas o apresentaram e o atraíram ao pensamento de Gramsci; elas também condicionaram as tendências que marcam a circulação e tradução/uso criativo desse legado teórico na reflexão que Faleiros desenvolve para o Serviço Social.⁶

De modo abrangente, duas são as principais marcas que as experiências do exílio sedimentam para o direcionamento e o caráter das elaborações teóricas que Faleiros desenvolve, quando observamos seus depoimentos (cf. SILVA, 1991; FALEIROS, 2011; 2007; 1980b). Essas marcas têm seu reflexo particular para configurar as tendências de tradução/uso criativo do pensamento de Gramsci entre as referidas elaborações teóricas. De uma parte, é notável que os trabalhos de fundamentação são conduzidos pela (e para a) *instrumentalização imediata* das ações militantes e/ou profissionais. Nesse espectro, a tendência de um *pragmatismo militantista* cria a inclinação para transfigurar diretamente categorias de natureza teórica, vocacionadas para o reflexo da realidade, em programática metodológica de intervenção político-profissional. De resto, isso oportuniza e impele o ecletismo nos arranjos teóricos construídos, expressando-se formalmente na fragilidade da coerência interna e sistemática dos textos, em geral,

⁵ Como se pode perceber na abertura do capítulo inédito, que incluiu na edição de 1981 (FALEIROS, 2011).

⁶ É preciso observar, no geral, a incipiente organicidade de Gramsci na obra de Faleiros. Inclusive, naquelas sistematizadas na mesma época de *Metodologia e Ideologia...*, como no livro *A política social do estado capitalista*, publicado em 1980, e no doutorado em Sociologia, realizado na Universidade de Montreal, entre 1976-1984, com uma pesquisa sobre a regulação dos acidentes de trabalho no Brasil, que também não se guiou por um estudo de grande fôlego da obra gramsciana. Mencione-se, ainda, o fato de que, nos seus livros, após 1981, o autor dos *Cadernos do Cárcere* se torna crescentemente secundário.

heteróclitos e compósitos.⁷ De outra parte, a orientação política das elaborações teóricas coloca centralidade na esfera ideológica das relações de forças, sendo matizada pela conquista do poder e dos interesses dos dominados através da via institucional-parlamentar. Além do fortalecimento de tendências conciliatórias no plano das disputas políticas, nessa orientação, está implicado um desprestígio (e afastamento) das elaborações da tradição marxista balizadas pelo momento predominante das relações econômicas e pela perspectiva socialista revolucionária de conquista do poder. A seguir, veremos como essas marcas, em alguma medida, se manifestam em determinadas tendências de tradução/uso criativo de Gramsci no livro em estudo.

Em *Metodologia e Ideologia...*, o pensamento de Gramsci não aparece incorporado como um fundamento que recebeu um tratamento teórico sistemático do seu quadro categorial e metodológico – o que ocorre com a maioria dos principais autores referenciados. Embora Faleiros recorra, como fontes categoriais, a referenciais que possuem envergadura de elaboração teórica considerável (em especial, Marx, Engels e Gramsci, mas também Althusser, Poulantzas e Paulo Freire), fica palpável que são aspectos localizados (centrais ou periféricos) das suas obras, o que é pinçado para forjar a construção do seu pensamento. Não se encontram formulações que informem as grandes problemáticas, a riqueza e articulação do quadro categorial, o ritmo e desenvolvimento do pensamento, os limites estruturais e históricos, etc., desses autores. Portanto, essas características mais amplas, que limitam a tradução/uso criativo de Gramsci, indicam serem compartilhadas pelos demais autores de grande envergadura mobilizados.

Acrescente-se o fato de que, quando da elaboração da primeira edição do livro, os estudiosos de Gramsci ainda contavam com uma limitação adicional referente à forma como seus escritos tinham sido divulgados até então, através das edições temáticas. Apenas em 1975, chega ao público uma edição italiana mais completa e de melhor qualidade de aparato crítico dos *Cadernos do Cárcere*, organizada por Valentino Gerratana. Mesmo para a preparação da edição brasileira de *Metodologia e Ideologia...*, em 1981, seria bastante difícil (portanto, improvável) encampar um estudo sistemático dos *Cadernos do Cárcere*, publicados em 1975, com resultados consistentes para uma revisão profunda dos argumentos elaborados em *Trabajo social - ideología e método*. Essa dificuldade se daria considerando-se desde as limitações de tempo para o estudo, tendo em vista o porte e a complexidade da obra, aos empecilhos de interpretação a partir do idioma italiano e mesmo as contingências pessoais de Faleiros com a transição do Canadá para o Brasil.

Em suma, o pensamento de Gramsci, expresso nos *Cadernos do Cárcere*, não é assumido, nem como um fundamento teórico sistemático específico, nem a partir de uma apropriação que observasse a complexidade do seu quadro categorial, o desenvolvimento do seu pensamento e o caráter dos seus escritos. Fragmentos de suas problematizações e categorias aparecem ao lado das de outros autores, especialmente

⁷ A falta de coerência interna, no caso do livro *Trabajo Social: ideología e método*, foi indicada por Carvalho (1986, p. 165-166). Algo, ademais, que o próprio Faleiros não assume como pretensão do trabalho, na apresentação do texto (ver FALEIROS, 1976, p. 7). E o risco do ecletismo presente nas elaborações posteriores de Faleiros também foi sugerido por Netto (2005).

Althusser e Poulantzas, algumas vezes, inclusive, mescladas a elas sem qualquer advertência explícita para o leitor, alimentando a reflexão conceitual de Faleiros e seu “paradigma das relações de forças, poder e exploração”, ou “paradigma da articulação”, para o Serviço Social.⁸

Gramsci aparece quando a elaboração se volta para desenvolver a concepção de ideologia no *Capítulo 2 – Ideologias do Serviço social*. A intenção é reconduzir o problema das superestruturas – e, por seu turno, da ideologia – equacionando-o numa formulação que supere a visão mecanicista e unilateral; ou seja, encarando-a, agora, como esfera dinamizada pelas lutas de classes; expressando-se, portanto, na *luta ideológica* que seria transversal a todos os *aparelhos do Estado*. Por esse caminho, Faleiros afirmaria o Serviço Social – também inscrito nas superestruturas – igualmente permeado por essas lutas e com a possibilidade de vincular-se ao processo de “[...] formação de uma nova hegemonia [...]” pela qual “[...] as classes dominadas também interpelam os indivíduos como revolucionários” (FALEIROS, 2011, p. 32). Por causa disso a necessidade de absorver os fundamentos de Althusser, Poulantzas e Gramsci. Diz Faleiros:

As contribuições de Gramsci, Althusser e Poulantzas permitiram a reativação de uma problemática que estava estagnada na consideração mecânica de que a superestrutura é puro reflexo da estrutura, ou apenas um entrave, um bloqueio ao desenvolvimento das forças produtivas (FALEIROS, 2011, p. 27).

Não é Gramsci (nem Marx ou Engels), mas sim Althusser e Poulantzas⁹ (principalmente o primeiro) que aparecem, em Faleiros, como pontas de lança para travar esse debate contra a “[...] tese economicista e mecânica da ideologia” (FALEIROS, 2011, p. 27). Defende o autor: “Reagindo a essa concepção, Althusser e Poulantzas defendem a tese da autonomia relativa do político e do ideológico” (FALEIROS, 2011, p. 27). Faleiros chega a Gramsci apenas depois de indicar, sempre sinoticamente, aspectos da concepção althusseriana de ideologia (associada a outras como a de Estado, ciência, hegemonia, aparelhos ideológicos de Estado) e, pontualmente, lembrar que Poulantzas compreende as ideologias associadas a classes sociais específicas, “[...] combatendo a visão de classes-sujeito e da ideologia como uma concepção global do mundo imposta por essa classe-sujeito” (FALEIROS, 2011, p. 30). Ao defender Gramsci do que seria uma crítica ilegítima de Poulantzas, Faleiros introduz o comunista sardo na sua análise da ideologia. Expõe ele:

E o autor [Poulantzas] combate o conceito gramsciano de hegemonia, dizendo que é impossível à classe operária conquistar a direção da sociedade sem a conquista do poder político. Segundo o autor, para Gramsci, o problema da organização política, depende da constituição de uma concepção de mundo imposta por essa classe à sociedade. Ele separa em Gramsci os conceitos de hegemonia e dominação (FALEIROS, 2011, p. 30).

Na resposta a essa crítica, Faleiros expressa algo das formulações teórico-metodológicas gramscianas. Ao mesmo tempo, o modo como filtra e retorque a pretensa limitação da

⁸ Encontra-se, em Iamamoto (2010, p. 293-301), a caracterização e análise minuciosas desse *paradigma*.

⁹ De Althusser, a principal fonte é *Aparelhos Ideológicos do Estado* (ALTHUSSER, 1985); de Poulantzas, *Poder político e classes sociais* (POULANTZAS, 1977).

leitura de Poulantzas também explicita uma dificuldade (ou mesmo distorção) que o próprio Faleiros demonstra possuir na sua interpretação de Gramsci. Na passagem acima, Poulantzas estaria recusando o argumento – associado equivocadamente ao autor dos *Cadernos do Cárcere* – de que a classe operária deveria, antes da conquista do poder político (e como condição para isso), alcançar a direção (ou hegemonia) da sociedade.¹⁰ Estaria presente nesse pensamento a ideia de que todas as classes da sociedade deveriam ser conquistadas, no âmbito ideológico, pelo proletariado, para, somente depois, ele se lançar com viabilidade para se apoderar do Estado – atitude que subordinaria a tomada do poder político por essa classe à finalidade de absorver toda a sociedade, inclusive as classes antagonistas, na sua visão de mundo, como se as classes possuidoras, como um todo, pudessem aderir a concepção de mundo proletário, mantendo-se o fundamento econômico que condiciona sua consciência social.

Se Faleiros reproduziu fielmente a crítica de Poulantzas, este acertou em combater tal ideia subjetivista, porém se equivocou ao afirmar que Gramsci a tenha formulado. A questão é que Faleiros passa ao largo desse complexo problema e apenas retorque que Poulantzas erroneamente separou os conceitos de hegemonia e dominação. Por que Faleiros teria contornado a problemática da *conquista do poder* em Gramsci, centralmente levantada por Poulantzas, e apenas censurado naquele o problema metodológico da *cisão entre hegemonia e dominação*?¹¹ Ou o autor não dominaria ainda uma apropriação de Gramsci suficientemente desenvolvida para detectar e refutar o equívoco da interpretação de Poulantzas acerca dessa questão central ou não encontraria razão para essa refutação exatamente por partilhar dessa leitura, apenas discordando no aspecto subsidiário da *cisão entre hegemonia e dominação*. Contudo, vejamos como Faleiros prossegue na sua contraposição a Poulantzas, no que se refere à *cisão entre hegemonia e dominação* em Gramsci. Nessa resposta, Faleiros também denuncia os limites que possuía na tradução/uso criativo do pensamento gramsciano.

Na sequência da citação anterior, Faleiros defende que Gramsci não havia separado os dois conceitos (hegemonia e coerção), que hegemonia e política se constituem na relação complexa das classes sociais com o Estado e na relação das classes sociais entre si. Embora Poulantzas asseverasse que a concepção de Gramsci impedia que se considerasse a “[...] contaminação ideológica entre as ideologias de cada classe [...]” (FALEIROS, 2011, p. 30), este não assumia as classes sociais em compartimentos estanques nem fornecia à ideologia a função de ocultação. Acrescenta Faleiros:

As classes fundamentais da sociedade capitalista são a burguesia e o proletariado, constituindo-se numa relação de exploração e dominação. Mas

¹⁰ Em Gramsci, esse debate aparece no desenvolvimento do problema da hegemonia no contexto da sua pesquisa sobre as relações de forças políticas durante o *Risorgimento*. Concretamente, a formulação a qual fazemos referência se encontra em duas versões nos *Cadernos do Cárcere*: a primeira delas está presente no *Caderno 1* e foi redigida, aproximadamente, entre fevereiro e março de 1929 (GRAMSCI, 1977). A segunda insere-se no *Caderno 19*, tendo sido redigida entre fevereiro de 1934 e fevereiro de 1935 (GRAMSCI, 2002). É impossível desdobrar o tema no espaço do artigo. Na interpretação dessa abordagem de Gramsci, coadunamos com as análises apresentadas por Bianchi (2008), as quais indicamos para maiores aprofundamentos.

¹¹ Em torno das diferentes interpretações sobre a relação entre consenso e coerção na obra carcerária e a leitura da unidade entre ambas em Gramsci, concordamos com a apreciação apresentada por Bianchi (2008), à qual remetemos para aprofundamentos.

em torno delas constitui-se um 'bloco histórico', uma correlação de forças. Para Gramsci, no 'bloco histórico' as formas materiais são o conteúdo e as ideologias a forma. Para esse autor, as ideologias orgânicas 'formam o terreno em que os homens se movem, adquirem consciência, lutam'. As ideologias são uma superestrutura, mas devem ser analisadas historicamente (FALEIROS, 2011, p. 30).

Ao revidar Poulantzas, nuançando o efetivo *nexo de unidade dialética entre consenso e coerção*, presente em Gramsci (GRAMSCI, 2007), e concomitantemente detectando a *concepção orgânica e histórica das ideologias*, também laborada nos *Cadernos do Cárcere* (GRAMSCI, 2011a), Faleiros demonstra uma ainda vulnerável apropriação da noção de "bloco histórico" como "correlação de forças". A última noção – estranha ao léxico gramsciano – apenas guarda alusiva associação com o rico instrumental teórico-metodológico das *relações de forças* (GRAMSCI, 2007)¹², mas não se pode afirmar que era sobre o último que Faleiros fazia referência, mesmo porque a única obra de Gramsci citada diretamente pelo autor – a edição temática lisboeta *Introdução à Filosofia da Práxis*, de 1978 – não consiste na parte dos escritos gramscianos nos quais está desenvolvido o tema das *relações de forças*. A lacuna teórico-categorial, mais ou menos substantiva, da apropriação de "bloco histórico", nesse caso, tende a fragilizar a apropriação do problema das superestruturas (e das ideologias, por sua vez) na luta de classes, numa perspectiva de *unidade dinâmica e inerentemente recíproca entre estrutura e superestrutura* – essa, sim, o núcleo heurístico da noção de "bloco histórico", trabalhada por Gramsci (2011a).¹³

Grosso modo, esse é o ponto, nesse estrato do texto de Faleiros sobre ideologia, que Gramsci aparece explicitamente discutido (e diretamente citado). No conjunto, a discussão sobre ideologia é marcada pela articulação compósita de conceitos e supostos metodológicos dos três autores citados, os quais estão longe de possuir congruência em torno dos temas discutidos, como reconhece o próprio Faleiros. Destaca-se Althusser como aquele cujas formulações encontram-se mais detidamente desdobradas – embora isso não queira dizer muito além do que algumas páginas dedicadas a ele, citando-se apenas duas obras.

Gramsci torna a aparecer apenas no *Capítulo 7 - Problemática da conscientização*, quando o foco da reflexão reincide nas questões afeitas (e intrínsecas) à luta ideológica.

¹²Em Gramsci, as *relações de forças* são constituídas por uma totalidade dinâmica na qual se distinguem, fundamentalmente, quatro momentos, todos atravessados pelas lutas de classe: 1) a *relação das forças sociais*, ligadas à estrutura econômica e fundadas no grau de desenvolvimento das forças materiais de produção; 2) a *relação das forças políticas*, que se refere ao grau de homogeneidade, de autoconsciência e de organização alcançados pelas classes e grupos sociais (dentro desta se distinguem três graus da formação política das classes: o momento econômico-corporativo, caracterizado pelo "primitivismo"; o da consciência de solidariedade de interesses dos membros da classe e o momento de hegemonia ético-política); 3) a *relação das forças militares*, ligada aos aparatos técnicos e políticos coercitivos de dominação; por fim, 4) a *relação das forças internacionais*, imposta na interação entre as nações capitalistas.

¹³É impossível, no espaço desse artigo, fazer uma apreciação detalhada e evidenciada dos *Cadernos do Cárcere* sobre as categorias gramsciana suscitadas na crítica a Faleiros, como *bloco histórico*, *Estado integral ou orgânico*, *intelectuais*, *hegemonia*. Por isso, remetemos à apropriação que Bianchi (2008) apresenta delas, e que, aqui, utilizamos como nossos supostos de interpretação dos *Cadernos do Cárcere*, em contraste com a abordagem de Faleiros.

Nesse caso, o levantamento da problemática, sem qualquer intenção de sistematicidade, prevê alguma implicação para o redirecionamento da intervenção do Serviço Social numa perspectiva crítica e transformadora. Afirma Faleiros, logo de partida:

Este capítulo não pretende uma investigação ampla, mas apenas levantar a problemática da conscientização com o objetivo de encontrar um referencial comum entre trabalhadores sociais (FALEIROS, 2011, p. 96).

Trata-se de um capítulo já presente no anterior *Trabajo Social: ideología e método*, encerrando aquele livro. Na edição revisada e ampliada, aparece em penúltimo lugar, estampando duas novidades: 1) uma rápida e localizada digressão sobre algumas ideias de Gramsci (FALEIROS, 2011, p. 103-104), que se avalia vinculadas ao tema, sugerindo um enriquecimento da abordagem anterior – e, de modo um pouco mais diluído, a impregnação no texto de algumas formulações associadas ao léxico gramsciano; 2) uma tênue incorporação da reflexão sobre as possibilidades do trabalho institucional como meio para a “[...] conscientização [...]” por parte do Serviço Social (FALEIROS, 2011, p. 105; 109-111).

Como demonstrado na apresentação, desde a primeira versão, o tratamento do tema no capítulo rege-se pela perspectiva freiriana, ainda que sem ambição de sistematicidade:

Nosso objetivo aqui não é fazer apresentação ou crítica ao método e concepção de Paulo Freire, mas retomar algumas de suas colocações fundamentais a partir da nossa prática e de estudos teóricos sobre ação e comunicação (FALEIROS, 2011, p. 96)

Como ocorreu anteriormente na articulação entre Althusser-Poulantzas e Gramsci no debate da ideologia, ocorre aqui na tentativa de inclusão do autor no quadro analítico de Paulo Freire: algumas ideias e categorias isoladas do marxista italiano são pinçadas – a partir de sínteses realizadas através de fontes secundárias de seus intérpretes de ocasião – para subsidiar e enriquecer as colocações freirianas com potencial de desdobramento para direcionar as alternativas de intervenção do Serviço Social.

Recorrendo aos traços fundamentais do método e da concepção de Paulo Freire, Faleiros (2011) relaciona à “[...] conscientização [...]” “[...] a luta de todos os trabalhadores por sua libertação, pela conquista de sua consciência de classe, e do poder político que lhes permita orientar toda a sociedade segundo o projeto que eles mesmos elaboram [...]” (FALEIROS, 2011, p. 98), do qual o ponto de partida seria a *problematização* e o *diálogo*, e a mediação, portanto, a comunicação. Gramsci aparece nessa versão revisada do texto para situar o necessário trabalho da *comunicação* e da *conscientização* sob a égide do seu conceito de hegemonia: “Na luta por sua libertação, surgem distintas frentes para os movimentos sociais, de acordo com as condições concretas, as correlações de forças e sua luta pela hegemonia. É necessário situar o trabalho de comunicação e conscientização dentro do conceito de hegemonia” (FALEIROS, 2011, p. 103). Abstraindo muitas minúcias conceituais e textuais, aqui é importante assinalar como Faleiros se *afasta da perspectiva teórico-metodológica gramsciana na interpretação que fornece para o conceito de hegemonia*, logo na sequência do extrato antes citado. Duas são as formas desse afastamento: 1) na medida em que sugere a cisão-oposição entre coerção e

consenso – superada, na elaboração carcerária, pela “[...] dialética unidade-distinção [...]” entre “[...] sociedade política[...]” e “[...] sociedade civil [...]”, entre coerção e hegemonia, enquanto complexos necessários à supremacia de classe (GRAMSCI, 2007, p. 33, p. 243; GRAMSCI, 2002, p. 62); 2) na proporção em que desvanece a crítica da estrutura econômica e das formações das classes, para o tratamento da questão da hegemonia – suplantada pela perspectiva gramsciana de análise das relações de forças e de “[...] bloco-histórico” (GRAMSCI, 2007, p. 19-21, p. 36-38, p. 40-55; GRAMSCI, 2011a, p. 238, p. 306, p. 309, p. 370, p. 389, p. 406) .

Ambas as formas, explícita ou implicitamente, se manifestam nessa passagem que segue no texto:

Hegemonia significa em primeiro lugar a conquista do consenso das classes dominadas pela capacidade de direção das classes dominantes. Significa também a capacidade que a classe operária tem de conquistar as consciências de seus aliados na formação de um novo bloco histórico (FALEIROS, 2011, p. 103).

Em seguida, vemos: “Dessa forma, o conceito de hegemonia releva principalmente o que se pode chamar de *consenso*, persuasão, por oposição a coação, violência, força, imposição” (FALEIROS, 2011, p. 103). De um lado, se esvanece aí, ou aparece apenas de modo tênue em outros trechos, a articulação do fundamento material que alicerça as potencialidades hegemônicas, historicamente dadas, das classes sociais – sempre enfatizado por Gramsci em seus escritos, como naqueles seminais para o entendimento da sua visão de hegemonia, os *Cadernos 13 e 29* (GRAMSCI, 2007; 2002). De outro lado, explicitamente se afirma a oposição entre *consenso* e *coerção*, recusada pelo autor dos *Cadernos do Cárcere*, a qual sugere a criticada cisão orgânica entre hegemonia e domínio (GRAMSCI, 2007, p. 33, 243), cujo corolário político é o esgotamento da estratégia de poder no problema da conquista ideológica.

No parágrafo seguinte – no qual se conclui a passagem do capítulo que condensa a interpretação das ideias de Gramsci aí contidas –, as duas formas de afastamento mencionadas se expressam numa inclinação para uma apartação material-institucional entre sociedade civil e sociedade política, assim como na afirmação de uma nova estratégia de poder nas *sociedades ocidentais*, que vai se diluindo e se esgotando na luta pelo consenso. Sustenta Faleiros:

A ideia do consenso, principalmente a desenvolvida por Gramsci, leva a considerar uma nova estratégia nas sociedades ocidentais em que os aparelhos do estado tentam ou buscam obter a legitimação das classes dominantes, de seu poder, pelo convencimento (FALEIROS, 2011, p. 2013).

Em seguida, há uma abordagem em que subjaz uma interpretação dos complexos da *sociedade política* e da *sociedade civil* em Gramsci como diferentes instâncias institucionais-materiais (senão dicotômicas, ao menos tendentes a isso) – e não na condição de expressão de determinadas funções no exercício da supremacia de classe, como trata o autor dos *Cadernos do Cárcere*. Afirma Faleiros (2011): “Por aparelhos do estado entendemos não só as instituições próprias do poder político, mas também as instituições privadas, o que poderia ser melhor denominado de aparelhos de hegemonia”

(FALEIROS, 2011, p. 103). Embora, na sequência, o autor apresente algumas reservas no sentido de evitar entender *Estado e sociedade civil* como instâncias isoladas e rigidamente separadas, sua constatação de princípio já subverte a forma como Gramsci enfrenta a questão – observando a dialética concreta da função social e não os cristalizando na condição de determinadas estruturas institucionais-materiais.

No processo da tradução e uso criativo de Gramsci por Faleiros, registra-se um conjunto de intérpretes que parecem constituir um rol de influências para as vias interpretativas adotadas, desde trabalhos dos próprios Althusser e Nico Poulantzas até os de Christine Buci-Gluckman, Ernesto Laclau, Luciano Gruppi, Perry Anderson e Hugues Portelli. Entretanto, a remissão, de modo bastante alusivo e genérico, às obras de tais autores, normalmente como indicações em notas, não nos permite lançar hipóteses mais concretas sobre a organicidade e o apelo que tiveram construção dos capítulos de *Metodologia e ideologia do trabalho social: crítica ao funcionalismo*.

4 Algumas implicações para as projeções profissionais

As implicações dessa tradução e interpretação para as soluções que Faleiros equaciona para o trabalho de *conscientização* do Serviço Social se manifestam numa idealização (ou trato ainda abstrato e voluntarista) das suas possibilidades no espaço institucional. Ademais de constatar que as classes dominantes na América Latina controlam os aparelhos de informação, determinam seu fluxo de modo unidirecional, centralizado e vertical, arroga:

Ao inverso desse modelo de consenso um novo processo de comunicação pode ser engendrado, a partir de um relacionamento participativo, de baixo para cima, descentralizado. A população pode construir seus meios, seus instrumentos, seus códigos de comunicação (FALEIROS, 2011, p. 104).

Aspecto que até poderia contar, acredita o autor, com os mecanismos institucionais, sendo o “[...] próprio trabalho institucional [...] um dos meios para tornar oportuna essa reflexão, esse intercâmbio gerador” (FALEIROS, 2011, p. 104). Esmacidos os fundamentos materiais e a dialética coerção-consenso do poder dominante, além dos limites da estrutura de classe das próprias instituições, a convocação soa uma genérica e voluntarista petição de princípios:¹⁴ “[...] Nesse sentido, a *partir da própria atuação institucional*, é necessário ir vendo o processo de organização e mobilização, vinculado a uma perspectiva globalizadora de luta” (FALEIROS, 2011, p. 110). Por outro lado, o horizonte e os resultados factíveis para a intervenção profissional reduzem-se às integráveis e moderadas práticas participativas democratizantes: “Esse deve ser o objetivo do trabalho social: a participação decisional da população no seu próprio destino, a partir de táticas em que essa participação se vá tornando efetiva nas relações de atribuição, de distribuições de recursos muitas vezes limitados” (FALEIROS, 2011, p. 111).

¹⁴ Quando sinaliza as formas de viabilizar essa *conscientização* no meio institucional, Faleiros (2011, p. 109) apenas consegue projetar a mudança da comunicação profissional, ou arrisca alguma estratégia de *ludibriar* o controle nesse meio.

Gramsci volta a ser referido apenas no capítulo inédito preparado para a edição brasileira de *Metodologia e Ideologia...*, intitulado *Capítulo 8 - Reconceituação: ação política e teoria dialética*. Este consiste numa apreciação do movimento de reconceituação do Serviço Social na América Latina, em que Faleiros propõe uma leitura da trajetória desse movimento a partir do seu desdobramento em duas tendências, por ele identificadas como *paradigma das relações interpessoais* e *paradigma das relações de forças*. Embora não existam, propriamente, no texto, apontamentos teórico-interpretativos sobre a natureza, as funções e as estratégias para o Serviço Social – mas uma análise e caracterização das tendências da reconceituação –, o autor chega a comentar algumas contribuições, nesse sentido, postas pelo *paradigma das relações de forças*. Dentre essas, destaca a tradução/uso criativo, então recente de Gramsci na abordagem da problemática do poder na esfera institucional e do papel do Serviço Social na relação com as classes.

No primeiro caso, Faleiros informa que Gramsci, ao lado de Foucault, teria colaborado para fornecer concreticidade para a problemática do poder, possibilitando pensar a “[...] reflexão e a ação ao nível nos micropoderes às casamatas da sociedade civil constituídas pelas instituições” (FALEIROS, 2011, p. 135). E acrescenta: “As relações de forças começam a ser vistas numa nova perspectiva, a da tecnologia de poder, e dos micropoderes dos aparelhos institucionais, em sua relação com o poder político das classes sociais” (FALEIROS, 2011, p. 135). A apropriação da noção gramsciana de “[...] intelectual orgânico [...]” (GRAMSCI, 2011b, p. 20) seria outro contributo, sendo, então, elaborada no que tange ao Serviço Social. Nessa apropriação, o

[...] intelectual não é visto como funcionário das superestruturas, da dominação. Por sua vinculação aos interesses do proletariado, dos camponeses e demais subalternos e oprimidos, pode *contribuir* para uma nova correlação de forças, uma nova hegemonia, um novo ‘bloco histórico’ da transformação (FALEIROS, 2011, p. 135).

Nesse cenário, acrescenta o autor, que igualmente o

[...] conceito de ‘hegemonia’, como direção, como conquista de consenso social em função dos interesses das classes dominadas abriu caminho para novas ações, a partir do lugar do trabalho dos profissionais, situando a ação profissional concreta numa perspectiva política (FALEIROS, 2011, p. 135)

Apenas nesses rápidos comentários finais, destilados por Faleiros no trecho do capítulo inédito, notam-se as mesmas tendências de circulação e tradução/uso criativo de Gramsci, verificadas nas passagens anteriores de *Metodologia e Ideologia...*: a busca de conciliação da sua elaboração com aparatos teórico-metodológicos estranhos à tradição à qual se vincula, nesse caso, expressa na tentativa de traduzir as ideias de Gramsci nas teses de Foucault, sem qualquer alusão a um estudo mais profundo que tenha justificado essa possibilidade; as categorias dos escritos gramscianos são transplantadas para o plano interpretativo do Serviço Social com frágil rigor teórico; por último, a inclinação para a tradução/uso criativo de Gramsci, no sentido de compor um viés militante e politicista para o horizonte profissional do Serviço Social – expresso na

tentativa de identificá-lo como *intelectual orgânico* das classes exploradas e inerente ao processo superação do capitalismo.¹⁵

Referências

ABREU, M. M. **Serviço social e a organização da cultura**: perfis pedagógicos da prática profissional. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos do Estado**: nota sobre aparelhos ideológicos do Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BIANCHI, Á. **O laboratório de Gramsci**: filosofia, história, política. São Paulo: Alameda, 2008.

CARVALHO, A, M. P. de. **A questão da transformação e o trabalho social**: uma análise gramsciana. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

FALEIROS, V. de P. **Metodologia e ideologia do trabalho social**: crítica ao funcionalismo. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FALEIROS, V. de P. Entrevista com Vicente de Paula Faleiros. **Serviço Social & Saúde**, Campinas, v. 6, n. 6, p. 153-170, mai. 2007.

FALEIROS, V. de P. **O que é política social?** São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção Primeiros Passos).

FALEIROS, V. de P. **Estratégias em Serviço Social**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FALEIROS, V. de P. **Saber profissional e poder institucional**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

FALEIROS, V. de P. **A política social do estado capitalista**. São Paulo: Cortez, 1980a.

FALEIROS, V. de P. Depoimento. **Serviço Social & Sociedade**, ano 1, n. 2, p. 127-138, mar. 1980b.

FALEIROS, V. de P. **Trabajo social**: ideologia y método. 3. ed. Buenos Aires: ECRO, 1976.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**: introdução ao estudo da filosofia e a filosofia de Benedetto Croce. 5. ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho; Luiz Sergio Henriques; Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011a.v. 1.

¹⁵ A mesma operação, realizada anos depois por Abreu (2008), foi objeto de uma interessante crítica de Yamamoto (2010).

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. 6. ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho; Luiz Sergio Henriques; Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011b. v. 2.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**: notas sobre o Estado e a Política. Trad. Carlos Nelson Coutinho; Luiz Sergio Henriques; Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v. 3.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**: O Risorgimento. Notas sobre a história da Itália. Trad. Luiz Sergio Henriques; Carlos Nelson Coutinho; Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 5.

GRAMSCI, A. **Quaderni del carcere**: edizione critica dell'Istituto Gramsci a cura di Valentino Gerratana. Turim: Einaudi, 1977.

IAMAMOTO, M. V. **Serviço Social em tempo de capital fetiche**: capital financeiro, trabalho e questão social. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

IAMAMOTO, M. V.; CARVALHO, R. de. **Relações sociais e Serviço Social no Brasil**: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

NETTO, J. P. **Ditadura e Serviço Social**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

POULANTZAS, N. **Poder Político e Classes Sociais**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

SILVA, L. M. M. R. de. **Aproximação do Serviço Social a tradição marxista**: caminhos e descaminhos. 1991. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991.

SIMIONATTO, I. **Gramsci**: Sua teoria, incidência no Brasil, influência no Serviço Social. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 1999.

Adilson Aquino SILVEIRA JÚNIOR trabalhou na análise e interpretação dos dados, redação do artigo e aprovação da versão a ser publicada.

Assistente Social formado pela Universidade Estadual do Ceará. Mestre e Doutor em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor do Curso de Serviço Social na UFPE, com pesquisa na área dos fundamentos do Serviço Social e sobre a história do Serviço Social de Pernambuco.

Larissa Ranielly Lima DIAS trabalhou na análise e interpretação dos dados, revisão crítica do artigo e aprovação da versão a ser publicada.

Estudante do Curso de Serviço Social da UFPE, com Iniciação Científica no tema dos fundamentos do Serviço Social, em especial sobre a presença do pensamento de Gramsci no quadro teórico da profissão.
